



HAL
open science

Bakhtin e a interpretação do texto sagrado: alguns pontos fundamentais

Rodrigo Franklin de Sousa

► **To cite this version:**

Rodrigo Franklin de Sousa. Bakhtin e a interpretação do texto sagrado: alguns pontos fundamentais. *Religião e Linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares*, Paulus, pp.201-216, 2015, 978-85-349-4187-7. hal-04180983

HAL Id: hal-04180983

<https://hal.science/hal-04180983>

Submitted on 14 Aug 2023

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

7) Bakhtin e a interpretação do texto sagrado: alguns pontos fundamentais

Rodrigo Franklin de Sousa¹

Introdução

A interpretação do texto sagrado é um fenômeno complexo.² Desde a antiguidade, ela tem levado ao desenvolvimento de técnicas e procedimentos específicos, como também ao consequente surgimento de uma classe de especialistas dedicados a esse fim. A complexidade inerente a essa tarefa diz respeito simultaneamente à necessidade prática de compreender o conteúdo dos textos e às concepções que subjazem ao entendimento de um texto como “revelado” ou “sagrado”. O texto sagrado é a condição material para que a atividade simbólica constitutiva da religião se concretize.³ Começando com sua dimensão material, o intérprete (a partir de suas chaves hermenêuticas) “transcende” para o plano do seu significado.

¹ Doutor pela Universidade de Cambridge (2008). Professor do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie e colaborador externo da North-West University, em Potchefstroom, África do Sul.

² Este artigo é um dos resultados do projeto de pesquisa “Ideologia e política no discurso religioso”, desenvolvido com financiamento do Fundo Mackenzie de Pesquisa (Mackpesquisa — Ref. CLFMP 161/2013).

³ TRÍAS, Eugenio. “Pensar a religião: o símbolo e o sagrado”. In: DERRIDA, J.; VATTIMO, G. (orgs.). *A Religião*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000, p. 109-24.

Assim, a interpretação do texto sagrado é sempre um evento social único, sobre o qual incidem diversos fatores ideológicos e religiosos.

No presente artigo, nossa intenção é observar como certos posicionamentos teóricos de Mikhail Bakhtin e do chamado “círculo bakhtiniano” podem contribuir distintivamente tanto para a tarefa de interpretação do texto sagrado como para uma reflexão sobre os processos que essa tarefa engloba.

A aplicação das ideias bakhtinianas ao texto bíblico vem ganhando popularidade desde o início da década de 1980.⁴ No Brasil, a tendência é mais recente, mas também tem ganhado espaço.⁵ Barbara Green destaca três elementos que salientam a “utilidade” de Bakhtin para os estudos bíblicos.⁶ Em primeiro lugar, estaria a concepção da natureza essencialmente *dialogica* da linguagem. Cada elemento da linguagem (desde a palavra em si, passando por autores, leitores e personagens) só faz sentido no contexto de uma interação dinâmica com outros elementos que o precedem e seguem, tanto dentro do universo do texto como em contextos históricos concretos e distintos. O segundo ponto é justamente o reconhecimento de que é impossível dissociar o texto de sua realidade histórica e dos diversos contextos que cercam sua recepção ao longo do tempo, o que implica, entre outros fatores, o reconhecimento dos diversos *gêneros* dos textos. Por último, Green ressalta a importância da dimensão ética, de responsabilidade, que Bakhtin atribui às práticas de leitura e produção de texto.

.....

⁴ É possível visualizar um panorama desses desenvolvimentos em GREEN, Barbara. “Bakhtin and the Bible: a select bibliography”. In: *Perspectives in Religious Studies* 32, n. 3, 2005, p. 241-248.

⁵ No Brasil, um exemplo recente é SOUSA, Rodrigo Franklin; LEITE, Francisco Benedito (orgs.). *Literatura cristã primitiva: olhares bakhtinianos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

⁶ GREEN, Barbara. “Mikhail Bakhtin and biblical studies”. In: *Perspectives in Religious Studies* 32, n. 3, 2005, p. 242-43.

Na presente contribuição, nosso foco recai sobre os dois primeiros pontos apontados por Green. Nosso propósito é discutir os fundamentos teóricos que embasam a centralidade do diálogo e do contexto (com foco na noção de gênero) na reflexão bakhtiniana. Entendemos que esses fundamentos se encontram no conceito de *signo* desenvolvido por Bakhtin e o círculo.

Signo e produção de sentido no círculo bakhtiniano

É preciso aqui clarificar qual é o Bakhtin a que nos referimos.⁷ A reflexão do círculo bakhtiniano sobre o sentido passa por desenvolvimentos distintos.⁸ Em sua forma mais rudimentar, ela se inicia no texto de Pavel Medvedev, de 1928,⁹ e também, paralelamente, no de V. N. Volochínov, de 1929.¹⁰ Em Medvedev temos, a partir da crítica do formalismo russo, a tentativa de mostrar que a ideologia é um fenômeno que faz parte de todas as manifestações simbólicas da

.....
⁷ A questão da autoria dos textos do círculo bakhtiniano continua complexa. Nesse sentido, ver BRANDIST, Craig. *The Bakhtin Circle: Philosophy, Culture and Politics*. Londres: Pluto Press, 2002, p. 3-4; ZANDWAIS, Ana. "Bakhtin/Voloshinov: condições de produção de *Marxismo e filosofia da linguagem*". In BRAIT, B. (org.). *Bakhtin e o círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.

⁸ Conforme apontado por Brandist, *The Bakhtin Circle*, 3, alguns problemas surgem da própria dificuldade de catalogar as obras de Bakhtin. Fora seus estudos sobre Rabelais e Dostoyevski, Bakhtin praticamente não publicou mais nada em seu nome durante sua vida (1896-1976). A edição póstuma das obras de Bakhtin torna difícil reconstruir o percurso de seu pensamento.

⁹ BAKHTIN, Mikhail; MEDVEDEV, P. N. "Literature as Ideological Form (from *The Formal Method in Literary Scholarship*)". In: MORRIS, P. (org.). *The Bakhtin Reader: Selected Writings of Bakhtin, Medvedev and Voloshinov*. Londres: Arnold, 2003.

¹⁰ BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1995. Dadas as dificuldades na atribuição da autoria desse texto, nos referiremos ao autor desse texto como Bakhtin ou Volochínov, de forma intercambiável.

sociedade, salvaguardando as especificidades dos diversos campos de significação. Essa linha de reflexão nos direciona para o que é particular no jogo simbólico do campo religioso. Embora Medvedev mantenha o foco na literatura, temos o reconhecimento da religião como um desses campos sógnicos específicos que precisa ser tratado. Em Volochínov a ênfase está na língua como o fenômeno, por assim dizer, *metassígnico*. Poderíamos dizer que aqui o foco não recai sobre a especificidade de cada campo de produção simbólica, mas sobre as suas características gerais e comuns.

Os trabalhos do círculo bakhtiniano, especialmente em suas fases iniciais,¹¹ esposam uma visão da atividade significativa semelhante à proposta por Ernst Cassirer.¹² Eles partem da premissa de que a consciência humana engaja o mundo exterior por meio de processos simbólicos. A linguagem, os símbolos e crenças religiosas, as obras de arte e os tratados científicos nos cercam como um “sólido anel” simbólico.¹³ Não existe atividade humana significativa além desse anel.

A partir de releituras de uma teoria da ideologia já existente no marxismo, o círculo converte o conceito cassireano de *formas simbólicas* na noção de *formas ideológicas*. Assim eles identificam o que Cassirer havia chamado de “manifestações do espírito humano” com “ramos distintos da criação ideológica” (ciência, artes, ética, religião etc.).

Não se trata aqui de uma simples mudança de termos, mas de uma manobra teórica significativa que acrescenta novas dimensões

.....

¹¹ Segundo a periodização proposta por Brandist, *The Bakhtin Circle, 12-13*, os trabalhos de Medvedev e Volochínov se inserem na segunda fase do círculo (1927-29), que focaliza em questões relativas à linguagem e à literatura.

¹² CASSIRER, Ernst. *A Filosofia das Formas Simbólicas. Vol. 1 — A Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001; e *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

¹³ BAKHTIN, Mikhail; MEDVEDEV, P. N. “Literature as Ideological Form”, p. 127-28.

ao nosso entendimento da atividade simbólica. A primeira é uma percepção renovada da dimensão material dos signos. A segunda é uma percepção renovada do papel do indivíduo na criação ideológica (ou atividade simbólica). Essas dimensões renovadas formam o cerne do que depois será desenvolvido por Bakhtin em suas ideias sobre gêneros discursivos, contexto e dialogismo. Cada uma dessas dimensões merece um olhar mais aprofundado.

A materialidade do signo

A contribuição mais fundamental do círculo bakhtiniano é a afirmação de que a produção do sentido deve ser considerada à luz da realidade concreta e material das manifestações simbólicas.¹⁴ Todos os desenvolvimentos posteriores do círculo partem dessa premissa fundamental.¹⁵ Um signo é um objeto dotado de existência material e social e aponta para fora de si mesmo. A dimensão ideológica do signo sempre deve levar em conta esse seu aspecto material.

Segue-se daí que conceitos abstratos como “representações coletivas”, *Geist*, ou estruturas não podem ser concebidos como entidades fechadas em si mesmas, sem a devida consideração de suas dimensões concretas. Isso implica o reconhecimento, que antecipa

.....
¹⁴ O trabalho de Bakhtin permite aferir de forma mais focal e direcionada a localização mesma da ideologia. Ao situar a ideologia no signo, Bakhtin resolve o problema encontrado por teóricos que, tendo se voltado para a ideologia, se angustiam em não poder localizá-la. Ver, por exemplo, RICOEUR, Paul. “A função hermenêutica do distanciamento”. In: *Hermenêutica e Ideologias*. Petrópolis: Vozes, 2008.

¹⁵ O trabalho do círculo deve ser lido no contexto de uma forte crítica a tendências na filosofia e nas humanidades na Europa do fim do século XIX e início do século XX. Em particular, o círculo responde a tendências de abordagem dos fenômenos ideológicos e sociais por uma perspectiva naturalista ou positivista. Ver, por exemplo, BAKHTIN, Mikhail; MEDVEDEV, P. N. “Literature as Ideological Form”, p. 125.

a teoria crítica e as abordagens pós-estruturalistas, de que o estudo do sentido e das ideologias deve tomar por base a realidade concreta da interação social e das particularidades históricas de cada evento comunicativo.

Signos e subjetividade

Uma vez que fica estabelecido que o signo é um objeto concreto no mundo material, segue-se que os fenômenos ideológicos ocorrem primariamente no nível do universo material concreto e não das consciências individuais.¹⁶ Volochínov afirma que a compreensão só pode se realizar por meio de materiais semióticos (signos) e, sendo assim, é “uma resposta a um signo por meio de signos”. Volochínov então concebe a compreensão como uma cadeia ideológica que em nenhum momento penetra ou se confunde com a existência interior, existindo apenas como uma cadeia corporificada, material, de signos.

Assim, efetua-se um duplo distanciamento, tanto do idealismo (que situa a criação ideológica na consciência humana transcendente da materialidade do signo), como do psicologismo (que a situa em fatores biológicos imediatos); Volochínov situa firmemente o ideológico na materialidade social de signos convencionais. Isto é, signos aparecem somente em “terreno interindividual”, estando os indivíduos envolvidos no processo de comunicação, organizados socialmente. Isso implica que a própria consciência individual não pode ser compreendida sem consideração do seu meio ideológico e social. Daí a máxima bakhtiniana: “A consciência individual é um

.....

¹⁶ BAKHTIN, M. *Marxismo*, p. 33-34. Para uma observação mais aprofundada sobre como essas ideias contribuem para o estudo e conceituação da religião, ver SOUSA, Rodrigo Franklin. “Símbolos religiosos, signos e ideologia: contribuições do círculo bakhtiniano para o estudo da religião”. In: *Debates do NER* 26, 2014, p. 277-298.

fato socioideológico”.¹⁷ O signo, presente em todas as manifestações simbólicas humanas, está presente até mesmo na própria construção da subjetividade. O ponto desenvolvido tanto em Medvedev como em Volochínov é que a própria consciência individual se desenvolve a partir de signos sociais.¹⁸

Surge, naturalmente, a questão de como o significado é apreendido e produzido pela consciência individual. Isto é, qual a relação entre a consciência individual e a natureza social do signo ideológico? Admitindo a existência de uma “vida interior” do organismo humano, Volochínov busca apreender como os aspectos internos da psique humana se relacionam com a experiência exterior objetiva.¹⁹

A chave está no signo. O signo está presente sempre que tentamos nos conectar com o mundo que nos cerca. O sentido, o pensamento, a apreensão e a representação do mundo não podem existir sem a presença do signo. Decorre daí a impossibilidade de qualquer atividade mental significativa sem a mediação do signo. O signo é o lugar em que um organismo e o mundo se encontram.²⁰ É

.....
17 BAKHTIN, M. *Marxismo*, p. 35.

18 BAKHTIN, M. *Marxismo*, p. 32, afirma: “Os signos também são objetos naturais, específicos, e [...] todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos; são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico”.

19 BAKHTIN, M. *Marxismo*, p. 49.

20 Aqui encontramos a explicação para o antagonismo que Volochínov nutre contra o projeto hermenêutico de Wilhelm Dilthey. Existe uma conexão entre as visões de Volochínov e Dilthey. Ambos entendem que a atividade psíquica é definida primariamente pela significação, e ambos concordam que a realidade pura da atividade mental para além dos signos se restringe a meros processos fisiológicos

apenas quando apropriado por um organismo vivo e pensante que um signo serve seu propósito. De outra maneira, ele não passa de um objeto sem vida. No momento de uma enunciação, de um ato de fala, da produção de um texto, ou de sua recepção, essa relação complexa entre “vida psíquica interior” e sociedade é atualizada por meio de signos ideológicos concretos.

A atividade mental que ocorre dentro do indivíduo físico, biológico, passa a adquirir forma à medida que é progressivamente formulada e mediada pelos signos. Esses signos, entretanto, são parte da atividade social, são materiais que circulam na sociedade, e como tal são os portadores da ideologia. A ideologia se mostra presente, portanto, no próprio tecido da atividade mental. Só compreendemos a atividade psicológica do indivíduo através do material ideológico objetivo que impregna a consciência individual. Esse material ideológico é formado por signos, os quais, precedendo dos discursos que circulam na sociedade, são interiorizados pelo indivíduo.

Temos aqui o primeiro nível de relação dialógica, a base da futura visão bakhtiniana do dialogismo. Trata-se da relação dialético-dialógica entre psique e ideologia. O signo ideológico é atualizado na psique individual e a realização psíquica é suportada pela ideologia. A atividade psíquica é uma atividade que “se move” do interior para o exterior do indivíduo, o signo ideológico vem do exterior e se fixa no interior da consciência individual.²¹

Para Volochínov, há um território comum, sem uma fronteira definida, entre a psicologia individual e a ideologia. Mesmo a intros-

.....
do organismo — e são, assim, irrelevantes para uma compreensão significativa da atividade propriamente humana. Entretanto, Volochínov entende que Dilthey caminha numa direção inconsistente com essa visão. Essa inconsistência estaria ligada ao compromisso de Dilthey com uma forma de idealismo alheia à proposta de Volochínov, atribuindo prioridade à psicologia em detrimento da ideologia.

²¹ BAKHTIN, M. *Marxismo*, 65.

peção é afetada pela natureza social do signo. A diferença entre o conteúdo ideológico do signo interior e exterior é de primazia e de grau. À medida que o signo progride para o exterior do indivíduo, ele se torna mais impregnado de conteúdo ideológico. À medida que o signo faz essa jornada, as forças do mundo exterior se fazem sentir sobre ele.

O signo interior só pode ser projetado para o exterior se o enunciador leva em consideração seus interlocutores, isto é, no momento em que o *outro* entra em cena. A presença do outro afeta o que podemos dizer, e como podemos dizer. Isto é, afeta o conteúdo e a forma de qualquer enunciação, de qualquer texto. O discurso interior e exterior só pode ser formulado nessa presença. Por essa razão, todo discurso, toda enunciação, todo texto, toda atividade humana de produção de significado sempre pressupõe a existência de um diálogo.

A consideração de como esse diálogo afeta o conteúdo e a forma dos textos serve de base para o desenvolvimento de outra das mais importantes noções bakhtinianas para a interpretação do texto sagrado: o conceito de gêneros discursivos.

Gêneros discursivos

A importância da visão bakhtiniana de gêneros do discurso para a interpretação do texto bíblico pode ser vista pela quantidade de trabalhos publicados nesta direção.²² Mas não se pode entender o conceito bakhtiniano de gêneros discursivos como uma simples

.....
²² À guisa de introdução, pode-se ver os artigos coletados em BOER, Roland (org.). "Bakhtin and Genre Theory in Biblical Studies". In: *Semeia* 63. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007; além de SOUSA, Rodrigo Franklin. "A crítica da forma e o conceito bakhtiniano de gêneros discursivos". In: SOUSA, R. F.; LEITE, F. B. (orgs.). *Literatura cristã primitiva: olhares bakhtinianos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014, p. 31-43.

metodologia de classificação ou de tipologias textuais. O conceito de gênero aqui é um desdobramento do conceito de signo que expusimos acima e está intimamente ligado à concepção de dialogismo.

Para Bakhtin, os gêneros se apresentam como mecanismos de organização das produções simbólicas, específicos a campos determinados de produção ideológica, e a situações concretas de produção textual. O trabalho com os gêneros pode nos auxiliar a determinar aspectos significativos das especificidades do campo ideológico religioso, mas apenas se compreendidos dentro dessa perspectiva. A problemática do gênero levantada por Bakhtin não se limita à simples classificação estilística, mas oferece um programa em que se integram questões de regularidade, gramática e fatores sociais no evento de enunciação.

O conceito bakhtiniano de gênero discursivo também tem sua gênese já nos trabalhos da segunda fase do círculo que observamos acima. Ele surge a partir da distinção entre *tema* e *significação*. Essa distinção é talvez o mais importante mecanismo apresentado por Bakhtin/Volochínov para identificarmos o que é imanente, regular e repetitivo na produção signica e o que é novo em cada encontro, em cada situação de enunciação e de diálogo.

Segundo a distinção, cada enunciação possui “um sentido definido e único, uma significação unitária”, e esse sentido da enunciação completa é chamado de tema. A unicidade do sentido do tema é a base para definir a enunciação.²³ O tema exprime e reflete, de forma única e não repetível, a situação concreta, o acontecimento enunciativo no tempo e no espaço, na história. O exemplo clássico é o da pergunta “que horas são?”, que, na acepção de Bakhtin, possui um tema diferente em cada situação em que é enunciada. A determinação do tema se dá pela combinação entre formas linguísticas e elemento não verbal, o contexto situacional.

.....

²³ Bakhtin, M. *Marxismo*, p. 131.

Em oposição ao tema, a significação consiste nos “elementos da enunciação que são reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos”. Esses elementos seriam convencionais, abstratos, sem existência concreta independente, mas “parte inalienável, indispensável, da enunciação”. Enquanto o tema da enunciação é irreduzível, a análise, a significação da enunciação pode “ser analisada em um conjunto de significações ligadas aos elementos linguísticos que a compõem”.²⁴

Aparece aqui o ponto nevrálgico da distinção entre tema e significação. O primeiro é o sentido articulado no e pelo acontecimento enunciativo. O segundo é “um aparato técnico para a realização do tema”.²⁵ Tema e significação são elementos indissociáveis e indispensáveis na linguagem. Um dá conta da situação concreta, o outro oferece a estabilidade sistêmica que é condição *sine qua non* da articulação da linguagem em discurso.²⁶

Se entendemos a significação, conforme essa visão, como o aparato técnico para a produção de enunciados (e.g. as estruturas sintáticas e semânticas de que nos valem na língua), e o tema como a articulação da linguagem em situações concretas de enunciação, temos uma forma de perceber tanto as regularidades sistêmicas da

.....

²⁴ BAKHTIN, M. *Marxismo*, p. 132.

²⁵ *Idem*.

²⁶ O princípio pode ser bem ilustrado com o conhecido conto *Pierre Menard, autor do Quixote*, de Jorge Luiz Borges. O escritor fictício Pierre Menard se propõe não a reescrever, copiar ou adaptar o livro de Cervantes, mas a *escrever* de novo o Dom Quixote em um novo século. A resenha anônima construída por Borges demonstra que o sucesso parcial de Menard não se dá pela incapacidade de vencer esse desafio, visto que ele de fato consegue escrever o livro. O insucesso se dá pelo fato de Menard, ao escrever o mesmo livro, em outro contexto, produzir uma obra muito superior. As mesmas palavras de Cervantes, escritas por Menard, são melhores. Se o elogio da história em Cervantes é ingênuo, em Menard é sarcástico. As mesmas palavras, no mesmo livro, ditas em épocas diferentes, significam de forma diferente. Temos aí uma boa ilustração da tensão entre o que é regular e o que é novo na produção de textos.

linguagem como seu potencial criativo e transformador.²⁷ Dentro dessa perspectiva, todas as abordagens que se limitam ao entendimento do sentido como algo que funciona simplesmente dentro de um “sistema” se mostram limitadoras.²⁸

É nessa tensão entre a regularidade do sentido e a novidade do acontecimento enunciativo que Bakhtin vem a desenvolver a ideia de gênero como um conjunto de regularidades que permitem a identificação e a compreensão dos enunciados.²⁹

Isso implica que os gêneros, enquanto elementos reguladores de toda atividade enunciativa, devem fazer parte integral da reflexão sobre a interpretação do texto sagrado. Essa reflexão deve sempre

.....

²⁷ Com base na distinção entre “tema” e “significação” em Bakhtin, Luiz Francisco Dias (“Significação e forma linguística na visão de Bakhtin”. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997) desenvolve uma reflexão partindo do conceito de *mobilidade específica da forma linguística*, e critica a associação, em estudos linguísticos de orientação objetivista, entre a significação e a forma do signo e não com seu funcionamento dentro de um tema. Cabe aqui também uma menção à clarificação do conceito bakhtiniano por meio da distinção entre “frase” e “enunciado”, conforme apresentada por PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 94-95.

²⁸ É importante ressaltar, conforme Brait, que, ao criticar o objetivismo abstrato e o subjetivismo idealista, Bakhtin não está rejeitando definitivamente nenhuma das duas abordagens, e sim, ao expor suas limitações, está afirmando a complexidade do fenômeno linguístico, no que tange à tensão dialética entre instabilidade e variabilidade na língua e, acima de tudo, a centralidade da situação social concreta na constituição tanto da regularidade (incluindo as formulações de gênero) como dos acontecimentos enunciativos. “Interação, gênero e estilo”. In: PRETI, D. *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2002.

²⁹ BAKHTIN, Mikhail. “O problema dos gêneros discursivos”. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Em certo sentido, essa proposta se aproxima da noção de princípios reguladores do discurso encontrada em FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 18ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009. Os procedimentos que permitem o controle ideológico e as formações discursivas, particularmente a constituição do que Foucault chama de ritual, sociedades de discurso, doutrinas e apropriação social do discurso.

tomar o texto como simultaneamente um produto de convenções e particularidades históricas, como também o resultado de processos criativos de sujeitos. Vale ressaltar que aí nos deparamos também com o conceito bakhtiniano de *autoria*, que foge do nosso escopo presente. Por hora, basta afirmar que o trabalho dos sujeitos produtores de textos é a atividade constitutiva de uma forma em que o sujeito nem é a fonte unívoca do sentido nem se perde num assujeitamento absoluto. Trata-se de um movimento na tensão entre sistemas de referência e operações discursivas.³⁰

Algumas implicações

Quando observamos conceitos bakhtinianos como *dialogismo* ou *gêneros discursivos*, percebemos que todos remetem às concepções fundamentais do círculo quanto à natureza e funcionamento dos materiais concretos por meio dos quais o sentido é veiculado. Isto é, os signos, os símbolos, os textos. A partir daí podemos também desenvolver uma noção da centralidade do texto na formação dos conceitos religiosos, ou da ideologia religiosa, bem como da produção e propagação do discurso religioso.

.....

³⁰ Várias releituras da tese bakhtiniana têm sido propostas. Uma delas é a de Dias, "Significação e forma", p. 110, que propõe que "o centro organizador da enunciação estaria não no meio social que envolve o indivíduo, mas no fato do indivíduo ocupar uma posição de sujeito em relação aos fatos de discurso". Dias (p. 111-12) afirma que "o signo linguístico, no entender de Bakhtin, adquire a sua identidade na relação dialética entre a estabilidade da sua significação, que lhe permite ser reconhecido como o mesmo signo em diferentes situações de enunciação, e a mobilidade que ele adquire relativamente à especificidade dessas situações enunciativas". A visão de Dias é uma releitura da tese bakhtiniana à luz do conceito de hiperlíngua de Sylvain Auroux em "A hiperlíngua e a externalidade da referência". In: ORLANDI, E. P. (org.). *Gestos de leitura*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

O ponto primordial dessa concepção é a ideia de que a linguagem em uso não pode nem deve ser considerada simples “acidente” ou apreensão localizada de um sistema abstrato, mas como lugar de interação social, de construção de relações, valores e significados. É a partir dessa concepção que podemos adotar um conceito de *texto* como elemento através do qual a linguagem se realiza e corporifica. O texto é o lugar em que os sujeitos interagem por meio da linguagem e, portanto, unidade fundamental a ser trabalhada na investigação da formação de ideias religiosas e na história da reflexão teológica.

O trabalho do círculo bakhtiniano, especialmente em sua primeira fase, enfatiza a primazia do ideológico (social) sobre o individual. Lembramos do seu ponto de partida, segundo o qual a ideologia não está localizada na consciência individual “em si”, mas nos próprios signos, de forma que a ideologia individual deve ser considerada apenas em um plano secundário, de forma que toda ideologia individual se baseia em signos, que são o resultado de convenções e processos de transmissão sociais. A consciência individual só existe em sua encarnação nos elementos materiais que compõem esse universo.

Ainda assim, eles afirmam que o processo de criação e decodificação do significado não ocorre no contexto de convenções sociais abstratas, mas em eventos sociais concretos. O que também implica que sujeitos individuais também desempenham um papel importante no processo.³¹ Isso é radicalmente diferente das concepções de primazia do social em detrimento do individual desenvolvidas a partir de perspectivas sociológicas e linguísticas que encontram seu ápice no estruturalismo. Nessas concepções, a agência individual pertence à esfera do “acidente”, do não quantificável, do não observável, do indefinível. Em contraste, ao localizar a ideologia nos signos e não em alguma

.....

³¹ Isso é significativo também por diferenciar a abordagem bakhtiniana de tendências marxistas pós-estruturalistas, como a análise do discurso francesa.

noção abstrata de sistema, os postulados bakhtinianos atribuem um papel extremamente significativo tanto ao sujeito produtor do texto quanto às instâncias únicas de produção e interpretação do texto. Toda produção textual é uma instância de diálogo, assim como toda instância de interpretação. Esse diálogo não é apenas uma conceituação abstrata, mas, de acordo com o círculo bakhtiniano, um encontro real, no mundo real. A tarefa do intérprete do texto sagrado, assim como do estudioso de sua recepção, é explorar as diversas implicações desses diálogos.

Referências bibliográficas

- AUROUX, Sylvain. "A hiperlíngua e a externalidade da referência". In: ORLANDI, E. P. (org.). *Gestos de leitura*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- _____. "O problema dos gêneros discursivos". In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail; MEDVEDEV, P. N. "Literature as Ideological Form (from the Formal Method in Literary Scholarship)". In: MORRIS, P. (org.). *The Bakhtin Reader: Selected Writings of Bakhtin, Medvedev and Voloshinov*. Londres: Arnold, 2003, p. 123-82.
- BOER, Roland (org.). "Bakhtin and Genre Theory in Biblical Studies". In: *Semeia*, vol. 63. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007.
- BRAIT, Beth. "Interação, gênero e estilo". In: PRETI, D. (org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2002, p. 125-57.
- BRANDIST, Craig. *The Bakhtin Circle: Philosophy, Culture and Politics*. Londres: Pluto Press, 2002.
- CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

- _____. *A filosofia das formas simbólicas. V. 1. A Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DIAS, Luiz Francisco. "Significação e forma linguística na visão de Bakhtin". In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 18ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- GREEN, Barbara. "Bakhtin and the Bible: A Select Bibliography". In: *Perspectives in Religious Studies* 32, n. 3, 2005, p. 339-45.
- _____. "Mikhail Bakhtin and Biblical Studies". In: *Perspectives in Religious Studies* 32, n. 3, 2005, p. 241-48.
- PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2009.
- RICOEUR, Paul. "A função hermenêutica do distanciamento". In: *Hermenêutica e Ideologias*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 51-69.
- SOUSA, Rodrigo Franklin de. "A crítica da forma e o conceito bakhtiniano de gêneros discursivos". In: SOUSA, Rodrigo Franklin de Sousa; LEITE, Francisco Benedito (orgs.). *Literatura cristã primitiva: olhares bakhtinianos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014, p. 31-43.
- _____. "Símbolos religiosos, signos e ideologia: contribuições do círculo bakhtiniano para o estudo da religião". In: *Debates do NER*, 26, 2014, p. 277-98.
- SOUSA, Rodrigo Franklin; LEITE, Francisco Benedito (orgs.). *Literatura cristã primitiva: olhares bakhtinianos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.
- TRÍAS, Eugenio. "Pensar a religião: o símbolo e o sagrado". In: DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni (orgs.). *A religião*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000, p. 109-24.
- ZANDWAIS, Ana. "Bakhtin/Voloshinov: condições de produção de *Marxismo e filosofia da linguagem*". In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin e o círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.